

Artigos Publicação Contínua

A “Guerra dos Doze Dias”: uma análise comparativa do enquadramento midiático em perspectivas geopolíticas antagônicas

The “Twelve-Day War”: a comparative analysis of the media framework in antagonistic geopolitical perspectives

Luana Gomes Lasmar¹ 
João Manoel Vieira de Araújo¹ 
Hemerson Luiz Pase¹ 

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo

O artigo analisa o tratamento midiático da “Guerra dos Doze Dias” (2025) entre Israel e Irã, comparando veículos de comunicação ocidentais e orientais. Investiga como narrativas foram construídas para legitimar ou deslegitimar ações e influenciar a percepção internacional. Resultados mostram polarização informacional, com ocidentais reforçando a autodefesa israelense e orientais denunciando ilegitimidade e impactos humanitários.

Palavras-chave: Irã; Israel; Narrativa midiática; Guerra de informação; *Soft power*

Abstract

The article analyzes the media treatment of the “Twelve-Day War” (2025) between Israel and Iran, comparing Western and Eastern media outlets. It investigates how narratives have been constructed to legitimize or delegitimize actions and influence international perception. Results show informational polarization, with Westerners reinforcing Israeli self-defense and Easterners denouncing illegitimacy and humanitarian impacts.

Keywords: Iran; Israel; Media narrative; Information warfare; *Soft power*

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o conflito armado mais recente entre Israel e Irã, que durou de 13 a 24 de junho de 2025, foi resultado de uma antiga rivalidade entre as duas nações. Sob a dinastia Pahlavi, que governou de 1925 até ser derrubada na revolução de 1979, os laços entre ambos eram tudo menos hostis. O país persa foi, de fato, a segunda nação de maioria muçulmana a reconhecer Israel após sua fundação (Kaye; Nader; Roshan, 2011). À época, enquanto um Estado isolado inserido em uma região majoritariamente árabe, o governo israelense adotou o que ficou conhecido como a “doutrina da periferia”. Tal princípio sustentava que a improbabilidade de alcançar a paz com os estados árabes vizinhos forçava Israel a construir alianças com os estados não árabes da periferia – principalmente Irã, Turquia e Etiópia – bem como com minorias não árabes, como os curdos e os cristãos libaneses. Pressupunha-se que esta rede de alianças criaria uma divisão entre os inimigos de Israel, enfraqueceria o bloco árabe e deteria a disseminação do pan-arabismo na região, segundo o raciocínio (Parsi, 2007).

Contudo, o final dos anos 1960 e início dos anos 1970 viram mudanças significativas no mapa geopolítico do Oriente Médio: Israel obteve uma vitória impressionante contra os árabes na guerra de 1967; a ameaça do Iraque ao Irã e a Israel aumentou; o Egito abandonou sua aliança com a União Soviética e deslocou-se para o campo Ocidental após a guerra do Yom Kippur de 1973; o Irã experimentou um rápido crescimento econômico sem precedentes e, portanto, viu o aumento de sua influência regional; e o britânicos decidiram retirar sua frota do Golfo Pérsico, o que contribuiu ainda mais para que o Xá¹ desempenhasse um papel dominante nos assuntos da região e além. Todos esses fatores desafiaram o equilíbrio sobre o qual a entente israelense-iraniana foi fundada, de modo que, somados à Revolução Islâmica Iraniana de 1979, culminaram na deterioração da parceria e a suplantação de um relacionamento pragmático, marcado pela convergência de interesses estratégicos, por uma aberta rivalidade geopolítica e ideológica (Kaye; Nader. Roshan, 2011; Parsi, 2007).

¹ Título ou nomeação atribuída aos soberanos do Irã (antiga Pérsia), anterior à revolução islâmica do Irã (Parsi, 2007).

O aiatolá Ruhollah Khomeini, líder da revolução, trouxe uma nova visão de mundo que defendia predominantemente o Irã e que buscava enfrentar potências mundiais “arrogantes” e seus aliados regionais, que oprimiam outros – incluindo palestinos – para servir seus próprios interesses. Isso fez com que Israel ficasse conhecido no Irã como o “pequeno Satã “para o” Grande Satã “ que são os EUA, uma vez que a nova República, passou a considerar o Estado Judeu um inimigo nacional, denunciando sua existência como um projeto colonial e ilegítimo na região. Como consequência, o país persa cortou todos os laços com Tel Aviv e a embaixada de Israel em Teerã foi transformada na embaixada Palestina. A inimizade cresceu ao longo das décadas, à medida que ambos os lados buscavam cimentar e aumentar seu poder e influência em toda a região. Israel passou a enxergar o Irã como uma ameaça existencial e regional, especialmente pelo apoio iraniano à uma rede de grupos políticos e armados do “eixo de resistência”, como Hezbollah e Hamas, em vários países da região, inclusive no Líbano, Síria, Iraque e Iêmen, que também não só apoiam a causa palestina, mas percebem Israel como um grande inimigo (Kaye; Nader. Roshan, 2011; Parsi, 2007).

Esse realinhamento estratégico transformou a dinâmica de poder no Oriente Médio e inaugurou um ciclo duradouro de hostilidades e competição indireta que permanecem na conjuntura atual, e cujo reflexo percebe-se de maneira determinante nas configurações políticas e narrativas midiáticas sobre os conflitos regionais contemporâneos. Assim, sendo uma das principais fontes de instabilidade no Oriente Médio e cuja intensidade varia de acordo com o momento geopolítico, a disputa geopolítica e ideológica acima discutida culminou, durante os dias 13 a 24 de junho de 2025, em uma guerra direta entre ambas nações, constituindo-se como um dos momentos geopolíticos mais tensos historicamente, tendo repercussões regionais e internacionais. O confronto, portanto, evidenciou não somente a crescente tensão entre os dois Estados, mas também a complexidade das dinâmicas narrativas que moldam as percepções sobre conflitos armados no sistema internacional. Diferentes veículos midiáticos, tanto no eixo Ocidental (Israel, Estados Unidos, Reino Unido),

quanto no Oriental (Irã, Catar e China), produziram relatos divergentes sobre as causas, os responsáveis e as consequências do embate, articulando discursos que ultrapassam o campo informativo e se projetam como instrumentos de *soft power*, disputa política e simbólica (Carruthers, 2000; Nye, 2004).

Nesse contexto, a análise das narrativas midiáticas torna-se central para a compreensão de como os conflitos armados são apresentados ao público global e de que forma esses enquadramentos impactam as percepções internacionais sobre legitimidade e uso da força, formulação de políticas externas e até mesmo as decisões diplomáticas. Como argumenta Entman (1993), os *frames* construídos pela mídia organizam a realidade, destacando determinados aspectos e silenciando outros, o que condiciona o entendimento social e político dos eventos. Nesse sentido, especialmente em conflitos internacionais, a disputa por narrativas é parte integrante da estratégia dos Estados e de atores transnacionais para mobilizar apoios, legitimar ações e isolar adversários (Herman; Chomsky, 1988)

A relevância deste estudo reside, portanto, na necessidade de compreender como as abordagens midiáticas de diferentes regiões constroem versões específicas sobre o conflito, interferindo diretamente na percepção internacional e, consequentemente, nas atitudes políticas adotadas pelos Estados. Como destaca Nye (2004), a guerra pela informação e pela narrativa tornou-se um componente fundamental do *soft power* contemporâneo, capaz de influenciar decisões sem o emprego direto da força militar. Nesse sentido, investigar as diferenças entre os enquadramentos Ocidentais e Orientais – considerados, para este estudo, o que Visentini (2025) convencionou chamar de respectivamente, *eixo militar-rentista anglo-saxão* (incluindo países Estados Unidos, Reino Unido e, tangencialmente, Israel) e *eixo industrial heterodoxo emergente* (integrado pelas grandes nações do BRICS, especialmente a China e a Rússia, além da Turquia e do Irã) – permite identificar não apenas disputas informacionais, mas também interesses geopolíticos subjacentes.

Diante disso, o problema de pesquisa que orienta este trabalho parte do questionamento de como as diferentes abordagens midiáticas Ocidentais e Orientais sobre, aqui denominada, a “Guerra dos Doze Dias” entre Irã e Israel constroem narrativas distintas que influenciam a percepção do sistema internacional e as respostas políticas dos Estados. Nesse viés, parte-se da hipótese de que as narrativas midiáticas sobre o conflito são estruturadas a partir de alinhamentos ideológicos e interesses regionais, e que essa produção narrativa contribui para moldar percepções internacionais que impactam a formulação de políticas externas e decisões diplomáticas no sistema internacional contemporâneo.

Para explorar empiricamente essa questão, recorre-se ao método comparativo, uma ferramenta clássica da Ciência Política, cuja função central é permitir a verificação de hipóteses em situações onde o número de casos sob estudo é reduzido, e o emprego de análises estatísticas de larga escala é inviável (Pérez Liñan, 2008). Como destaca o autor, a comparação não é apenas um recurso descritivo, mas um procedimento orientado a testar relações causais e construir inferências a partir da observação sistemática de variações em contextos empíricos distintos. A comparação entre diferentes abordagens midiáticas de um mesmo episódio do confronto em questão permite, portanto, identificar padrões ou divergências de narrativa, seus determinantes causais e suas consequências na política internacional.

Assim, tem-se como objetivo geral deste estudo a análise comparativa das abordagens midiáticas Ocidentais e Orientais sobre a “Guerra dos Doze Dias” entre Irã e Israel, investigando de que forma essas construções narrativas impactam a percepção do conflito no sistema internacional e influenciam a atuação política dos Estados. Para alcançar esse objetivo, o trabalho está estruturado em mais quatro seções, além desta introdução. Na segunda, desenvolve-se o referencial teórico, abordando os conceitos de *soft power*, narrativa midiática, guerra de informação e as teorias das Relações Internacionais que explicam a construção de percepções no sistema internacional. No terceiro capítulo, descreve-se a metodologia, detalhando a natureza qualitativa

do estudo, a seleção dos veículos de comunicação e a definição das três variáveis principais de análise: o tratamento das vítimas civis, o enquadramento dos agentes e da legitimidade da ação militar, e a contextualização histórica e geopolítica do conflito; além da observação das reações internacionais e mobilizações diplomáticas como variável dependente consequente às narrativas construídas. No quarto capítulo, realiza-se a análise comparativa propriamente dita, organizada segundo as categorias supracitadas. Por fim, a última seção apresenta as considerações finais, sintetizando os resultados e apontando implicações para a compreensão das relações internacionais contemporâneas e para futuras pesquisas.

DESENVOLVIMENTO

Narrativa Midiática

O conceito de narrativa midiática, especialmente em contextos de conflitos internacionais, constitui-se como um instrumento central para se compreender a construção de sentidos e percepções sobre a realidade. Segundo Carruthers (2000), os meios de comunicação não apenas relatam os acontecimentos, mas organizam e hierarquizam as informações, estabelecendo versões dos fatos que serão assimiladas pelo público e utilizadas por governos e instituições internacionais na formulação de suas posições. Nesse sentido, o autor considera o papel que a mídia desempenha na mobilização das energias populares para a guerra e no enquadramento das questões políticas em jogo, partindo da estreita relação entre o noticiário e as fontes de elite, explorando, ainda, como os jornalistas praticam a ‘objetividade’ de uma forma que frequentemente resulta uma cobertura que está longe de ser neutra.

Essa capacidade de estruturar a interpretação coletiva é operacionalizada, principalmente, por meio dos enquadramentos narrativos, conceito amplamente debatido por Entman (1993). Para o autor, o *framing* consiste no processo pelo qual determinados aspectos de uma realidade são selecionados e enfatizados, enquanto

outros são omitidos ou minimizados, com o objetivo de promover uma definição específica da situação. O enquadramento midiático de conflitos armados, desse modo, não é neutro. Ele tende a refletir interesses nacionais, alianças estratégicas e posicionamentos ideológicos das mídias e dos Estados a que pertencem ou com os quais mantêm proximidade. Nesse sentido, Herman e Chomsky (1988), em *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*, analisaram como as grandes mídias Ocidentais atuam na legitimação dessas políticas externas de suas nações e na construção de inimigos públicos. Os autores sugerem que:

O que está em jogo quando falamos em liberdade de imprensa diz respeito à liberdade para exercer uma função em nome da política. [...] o “propósito social” da mídia é inculcar e defender a agenda econômica, social e política de grupos privilegiados que dominam a sociedade doméstica e o estado. A mídia alcança esta finalidade de várias maneiras: através da seleção de tópicos, distribuição de preocupações, enquadramento de questões, filtragem de informações, ênfase e tom, e mantendo o debate dentro dos limites de premissas aceitáveis (Herman; Chomsky, 1988, p. 372-373, tradução própria¹¹)

Sabe-se que a disputa por narrativas em guerras contemporâneas, contudo, tornou-se ainda mais intensa com a ampliação dos meios de comunicação internacionais e a popularização de mídias estatais e alternativas, à medida que passaram a desafiar os discursos predominantes, multiplicando versões sobre os mesmos eventos (Herman; Chomsky, 1988). Portanto, entender como os veículos de comunicação enquadram conflitos é fundamental para analisar a forma como a opinião pública e os governos interpretam e respondem às crises internacionais.

Guerra de Informação e Soft Power

A disseminação de versões conflitantes sobre um mesmo evento não é apenas resultado de divergências editoriais, mas de uma estratégia deliberada conhecida como

¹¹ What is at stake when we speak about freedom of the press “is the freedom to perform a function on behalf of the polity. [...] the “societal purpose” of the media is to inculcate and defend the economic, social, and political agenda of privileged groups that dominate the domestic society and the state. The media serve this purpose in many ways: through selection of topics, distribution of concerns, framing of issues, filtering of information, emphasis and tone, and by keeping debate within the bounds of acceptable premises.

guerra de informação. Esse conceito refere-se à utilização planejada da comunicação e da mídia como ferramenta de disputa simbólica e política durante crises e guerras (Carruthers, 2000). Para Duarte (2022, p. 2):

Quando se ouve falar em Guerra de Informação, associa-se automaticamente ao uso das *fakes news* para ganhar vantagem sobre o adversário num conflito. Na realidade, guerra de informação significa usar informação, seja verdadeira ou falsa, como vantagem sobre o oponente.

Percebe-se, nesse viés, que os atores estatais e não estatais mobilizam suas plataformas de informação para legitimar suas ações, deslegitimar o adversário e influenciar a percepção de aliados, organizações internacionais e da opinião pública global.

Neste contexto, o conceito de *soft power*, elaborado por Nye (2004), torna-se primordial para compreender a importância das narrativas na política internacional. Diferentemente do *hard power*, baseado no uso do poder bélico militar para emitir ameaças e lutar, ou até mesmo no poder econômico, utilizando, especialmente, de sanções (restrições comerciais ou financeiras) para coerção de um outro país; o *soft power* opera pela capacidade de atrair e persuadir, moldando preferências e definindo padrões de legitimidade. O domínio sobre as narrativas informacionais permite aos Estados exercer influência indireta, enquadrando os conflitos sob perspectivas favoráveis a seus interesses estratégicos. A guerra de narrativas, portanto, não é apenas uma disputa semântica, mas um componente decisivo de poder extremamente persuasivo na política internacional contemporânea (Duarte, 2022).

Considerando os acontecimentos recentes da conjuntura internacional, como a Guerra Civil Síria, a Guerra na Ucrânia, os confrontos entre Israel e grupos armados palestinos, e, principalmente, enquanto objeto de análise deste estudo, a Guerra entre Israel e Irã em junho de 2025, têm-se exemplos dessa dinâmica supracitada. Assim, nesses confrontos, o controle das informações, a humanização ou desumanização de certos grupos e a categorização de ações como “terrorismo” ou “autodefesa” foram decisivos para mobilizar apoios internacionais e justificar ações militares (Barbosa,

2020; Carruthers, 2000), reforçando a necessidade de se analisar sistematicamente a construção narrativa de conflitos.

Construção de Percepções no Sistema Internacional

A construção de percepções no sistema internacional é um processo central para compreender a forma como Estados, organizações internacionais, mídia e opinião pública interpretam e respondem a acontecimentos globais. Diferentemente de perspectivas mais tradicionais, como o realismo e o liberalismo, que tendem a tomar os interesses e comportamentos estatais como dados ou determinados por fatores materiais e estruturais, o construtivismo propõe que a realidade internacional é socialmente construída a partir de discursos, normas, identidades e interpretações compartilhadas (Adler, 1999; Alexander, 1995; Wendt, 1992).

Para Wendt (1992), principal expoente da vertente construtivista nas Relações Internacionais, os interesses e identidades dos Estados não são pré-determinados, mas formados no processo de interação social e discursiva entre os atores do sistema internacional; são entendimentos intersubjetivos sobre o que se faz necessário para promover poder, influência, e riqueza que sobrevivam ao processo político; são fatos cuja objetividade está no acordo humano e na atribuição coletiva de significados e função a objetos físicos. Nesse sentido, percepções sobre legitimidade, ameaça, segurança ou agressão não existem de forma objetiva, mas são produtos de construções sociais sustentadas por discursos e narrativas aceitas como legítimas no ambiente internacional. Assim, parafraseando, e adaptando, o autor, “o significado atribuído a um conflito armado é o que os Estados fazem dele”, ou seja, se o confronto é percebido como uma ação legítima de autodefesa ou como agressão injustificada, por exemplo, depende da atribuição subjetiva dada pelos agentes políticos.

À vista disso, segundo Entman (1993), os enquadramentos narrativos que a mídia constrói organizam o entendimento coletivo dos acontecimentos, condicionando a interpretação de suas causas, responsabilidades e soluções aceitáveis. Para Onuf

(2012), as regras derivam diretamente dos atos de fala, e todo esse processo de constituição e interpretação das normas acontece por meio da linguagem, colocando esta, portanto, como elemento ideal para se entender a relação de influência mútua presente entre indivíduos e sociedade. Desse modo, o autor auxilia na compreensão no que diz respeito ao impacto de discursos, sejam eles explícitos ou implícitos, na construção de entendimentos intersubjetivos e, conseqüentemente, nas práticas dos atores internacionais.

Portanto, como o construtivismo defende que o sistema internacional é estruturado por significados socialmente compartilhados, pode-se inferir que a narrativa predominante sobre um conflito influencia diretamente a percepção de legitimidade das justificativas, interesses e ações militares adotadas pelos Estados. Além disso, as percepções construídas não apenas refletem realidades, mas também moldam comportamentos internacionais. Conforme Wendt (1992), as identidades e interesses dos Estados são moldados pelas percepções que esses atores constroem uns dos outros no decorrer de suas interações. Nesse sentido, os enquadramentos narrativos midiáticos que apresentam certos atores como terroristas, agressores ou violadores do direito internacional, por exemplo, podem afetar a forma como outros Estados e organizações internacionais se relacionam com esses atores, influenciando decisões de apoio, condenação, sanção ou neutralidade.

Percebe-se, desse modo, como a disputa por narrativas e a construção de percepções são estratégias que transcendem a dimensão informacional, configurando-se como parte essencial da política internacional contemporânea. Aplicando tal noção ao estudo em questão, essa perspectiva é particularmente relevante em conflitos armados, nos quais as variadas definições – de quem é a vítima, quem é o agressor e qual ação é legítima – têm implicações diretas sobre a mobilização diplomática, a opinião pública internacional e a capacidade de um Estado angariar aliados ou isolar adversários. Como observa Carruthers (2000), controlar a narrativa de um conflito é quase tão importante quanto vencer a disputa militar, já que o domínio sobre o significado dos fatos condiciona as reações externas e os desdobramentos políticos.

METODOLOGIA

Para realizar a análise comparativa proposta neste estudo, optou-se por organizar a leitura das narrativas midiáticas em torno de uma variável dependente – objeto que se busca explicar – a saber, as razões subjacentes das reações internacionais e da mobilização diplomática no que tange a “Guerra dos Doze Dias”, tendo como mecanismos causais três variáveis independentes principais: 1) contextualização histórica e geopolítica do conflito; 2) enquadramento dos agentes e da legitimidade da ação militar e 3) o tratamento das vítimas civis. A definição dessas variáveis partiu da leitura crítica do referencial teórico e das contribuições metodológicas de Pérez Liñán (2008), que recomenda, em estudos qualitativos de comparação controlada, a identificação de variáveis explicativas diretamente relacionadas ao fenômeno observado e capazes de evidenciar padrões causais relevantes.

A escolha dessas três variáveis independentes reflete a centralidade que tais aspectos exercem na construção de *frames* narrativos em contextos bélicos. Assim, já supracitado, e conforme apontam Entman (1993) e Carruther (2011), os meios de comunicação tendem a privilegiar determinados enquadramentos em conflitos militares, destacando aspectos que mobilizam moralmente as audiências e influenciam a formulação de políticas externas. Entre esses, a contextualização histórica e geopolítica do conflito foi incluída por ser, conforme apontado pelos construtivistas, um elemento essencial na formação das identidades coletivas e na legitimação de posições internacionais. Para Wendt (1992), as interações e representações históricas constroem identidades e interesses, os quais, por sua vez, influenciam a percepção e o posicionamento dos Estados e organizações internacionais. Nesse sentido, a análise dessa variável permite compreender se e como as narrativas midiáticas inserem a “Guerra dos Doze Dias” em disputas regionais ou rivalidades históricas, acionando símbolos e memórias políticas para justificar determinados posicionamentos. Finnemore e Sikkink (1998) reforçam essa perspectiva ao demonstrar que normas e

contextos históricos moldam percepções internacionais e a legitimação de condutas em ambiente de crise.

O enquadramento dos agentes e da legitimidade militar, por sua vez, revela os mecanismos pelos quais os veículos justificam ou condenam ações armadas, se foram bem sucedidas ou não e atribuindo-lhes o caráter de legítima defesa, agressão ou terrorismo – categorias decisivas na construção da percepção internacional (Snow & Benford, 1988; Robinson, 2002). Tais classificações não apenas orientam a opinião pública, mas também moldam a atuação de atores diplomáticos, afetando o reconhecimento internacional de certas operações e a configuração de alianças no cenário global.

Por fim, o tratamento das vítimas civis ocupa também ocupa posição central, à medida em que permite observar como os meios redigem a imagem de sofrimento e atribuem responsabilidades morais e políticas, aspecto amplamente discutido por Chouliaraki (2006) e Hoskins e O’Loughlin (2010). Esses autores evidenciam que a exposição do sofrimento humano nas guerras contemporâneas não é neutra, mas funciona como recurso estratégico na disputa pelo controle simbólico do conflito. Assim, de modo a operar tal variável, estabeleceu-se critérios específicos de codificação como a investigação da presença ou ausência de elementos de humanização (nomes, imagens, relatos pessoais), a atribuição de responsabilidade moral aos atores envolvidos e o eventual uso político ou simbólico das vítimas na narrativa.

O método comparativo foi estruturado com base no método da diferença, conforme sistematizado por Pérez Liñán (2008), que recomenda a seleção de casos com características distintas em relação às variáveis explicativas para verificar se essas diferenças se associam aos resultados observados. Neste caso, a seleção dos episódios a serem analisados dentro da cobertura da “Guerra dos Doze Dias” buscou assegurar o controle de variáveis contextuais e a comparabilidade entre os casos. Assim, para cada variável independente foi escolhido, respectivamente, um momento central do conflito: 1) a cobertura das justificativas para o início da guerra; 2) a narrativa sobre

a intervenção militar norte-americana e sua eficácia e 3) o tratamento midiático das vítimas civis e funerais oficiais promovidos pelo governo iraniano. A fim de comparar a abordagem adotada, para cada variável independente, foram escolhidos dois veículos de comunicação internacionais distintamente inseridos tanto no bloco Ocidental (eixo militar-rentista-anglo-saxão), quanto no bloco Oriental (eixo industrial heterodoxo emergente).

Por fim, os dados foram organizados em quadros comparativos para cada variável, permitindo a identificação de padrões narrativos recorrentes em cada bloco geopolítico e suas possíveis associações com as reações diplomáticas observadas. Esse procedimento possibilitou o cruzamento entre as diferenças de enquadramento e os alinhamentos políticos dos Estados de origem dos veículos, a fim de testar a hipótese de que as narrativas midiáticas são estruturadas a partir dos interesses estratégicos e ideológicos regionais, impactando as posições internacionais adotadas frente ao conflito.

Análise Comparativa e Variáveis

Contextualização Histórica e Geopolítica do Conflito

Essa variável destina-se à análise de notícias que buscam apresentar as referências históricas e geopolíticas mobilizadas para justificar (ou condenar) as ações das partes envolvidas no mesmo conflito – “Guerra dos Doze Dias”.

Assim, no dia 30 de junho de 2025, o jornal The Times of Israel publicou uma matéria com o título “Israel estava enfrentando a destruição nas mãos do Irã. Foi assim que chegou perto e se salvou”, colocando, de modo subjetivo, a defesa de seu ponto de vista, conforme Figura 1.

Na reportagem, verifica-se a contextualização da perspectiva israelense e sua percepção do Irã enquanto inimigo. Ao recontar a trajetória do “massacre do Hamas em 7 de outubro de 2023” e apontar como “[...] o regime iraniano acelerou seu programa clandestino de armas nucleares. Acelerou a produção de mísseis balísticos. Reforçou

suas defesas aéreas [...]”, a intenção da construção narrativa israelense é evidente: justificar não só sua preocupação com a ameaça iraniana iminente mas também, como consequência, seus ataques coordenados aéreos às instalações nucleares do país, os quais deram início ao conflito em 2025 (Horovitz, 2025).

Figura 1 – Recorte da notícia sobre ataque israelense ao Irã



Fonte: The Times of Israel (30 de junho de 2025)

Por sua vez, quando se analisa o entendimento iraniano, tem-se uma abordagem diferente. Segundo a figura 2, na cobertura pelo *Tehran Times*, observa-se o posicionamento crítico do país persa às justificativas israelenses e norte-americanas, especialmente ao mostrar como as próprias descobertas de inteligência do governo de Trump afirmaram que, há apenas algumas semanas, o Irã não estava perto de adquirir uma bomba nuclear, nem parecia ter a intenção de fazê-lo (Ansari, 2025).

Figura 2 – Recorte da notícia sobre ataque israelense ao Irã



Fonte: Tehran Times (24 de junho de 2025)

A reportagem defende que o objetivo principal de Israel e Washington ao atacar o Irã era a “mudança de regime”, pois presumiram que os ataques levariam a população iraniana, já enfrentando desafios econômicos e sociais, a se rebelar contra o governo e derrubar a República Islâmica. Contudo, a matéria jornalística ressalta que esta guerra não só solidificou o poder do Irã como também demonstrou sua resiliência ao mundo, uma vez que, apesar de lutar contra dois adversários com armas nucleares, o governo de Khamenei conseguiu evitar qualquer grande crise ou perturbação interna. Por fim, conclui que os iranianos agora têm mais chances de chegar a um consenso decisivo sobre o futuro de seu programa nuclear, uma questão que antes não contava com um acordo político unânime (Ansari, 2025).

Enquadramento dos Agentes e da Legitimidade Militar

Essa variável destina-se à análise comparativa das abordagens adotadas pelos veículos de comunicação acerca do mesmo episódio de interferência militar norte-americana no conflito e suas repercussões no âmbito internacional.

Neste sentido, de acordo com a figura 3, a NPR (National Public Radio), uma rede de rádio pública estadunidense, produziu uma matéria sobre a declaração do Chefe do Pentágono, Pete Hegseth e sua visão positiva do saldo da operação militar comandada pelos EUA contra o Irã (Myre; Bowman, 2025).

O Secretário de Defesa em questão, adotando um tom combativo, criticou duramente a mídia, dizendo que ela estava mais focada em “torcer contra” o presidente Trump do que em cobrir um “ataque historicamente bem-sucedido” às instalações nucleares iranianas, citando nominalmente diversas organizações de notícias e repórteres, pelo que ele chamou de “uma grande quantidade de reportagens irresponsáveis”. Hegseth ressalta, ainda, de modo veemente, o “sucesso retumbante” da operação, e sustenta a afirmação do chefe de Estado norte-americano acerca da “total destruição” do programa nuclear persa (Myre; Bowman, 2025).

Figura 3 – Recorte da notícia sobre a resposta militar norte-americana



Fonte: NPR (26 de junho de 2025)

Ademais, acerca do projeto nuclear iraniano, a reportagem menciona que a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), a agência de vigilância nuclear da Organização das Nações Unidas, afirmou recentemente que o Irã possui cerca de 400 quilos de urânio altamente enriquecido. O urânio é enriquecido a 60% de pureza e precisaria atingir 90% de pureza para ser considerado armamentista, mas isso poderia ser feito relativamente rápido. Acreditava-se que o Irã estivesse armazenando esse material em uma de suas principais instalações nucleares. Mas ele poderia ter sido movido e não está claro se o Irã o teria levado para um local secreto antes do ataque americano. Contudo, quando perguntado sobre onde o urânio altamente enriquecido do Irã poderia estar, Hegseth disse: “Não tenho conhecimento de nenhuma informação que eu tenha revisado que diga que as coisas não estavam onde deveriam estar, movidas ou não” (Myre; Bowman, 2025).

Em contraste, o canal de notícias *Daily Sabah*, um jornal diário turco pró-governo, publicado de grande circulação nacional e internacional, apresentou esse mesmo episódio sob uma perspectiva alternativa, de acordo com a Figura 4 (Reuters, 2025).

Figura 4 – Recorte da notícia sobre a resposta militar norte-americana



Fonte: The Daily Sabah (24 de junho de 2025)

Na reportagem, o foco é na incerteza sobre a eficácia dos ataques dos EUA às instalações nucleares iranianas. Assim, o texto aponta como uma avaliação inicial da agência de inteligência sugeriu que o bombardeio dos EUA não conseguiu destruir as instalações nucleares subterrâneas do Irã. A avaliação confidencial contradiz as declarações do presidente Donald Trump e de altos funcionários americanos – incluindo o secretário de Defesa, Pete Hegseth, os quais afirmaram que os ataques do fim de semana, que usaram uma combinação de bombas antiaéreas e armas mais convencionais, essencialmente eliminaram o programa nuclear iraniano. A resposta de Trump, contudo, em cúpula da OTAN, reforça seu posicionamento inicial e defende que a sua decisão de se juntar aos ataques de Israel visando instalações nucleares iranianas com enormes bombas destruidoras de *bunkers* encerrou a guerra, chamando-a de “uma vitória para todos”. O jornal, ainda, ressalta que, ao lado de Trump, o Secretário de Estado Marco Rubio e o Secretário de Defesa Pete Hegseth também tentaram “abafar” as incertezas acerca da eficácia dos ataques norte-americanos ao lançarem suas dúvidas sobre a confiabilidade da avaliação do DIA (Agência de Inteligência de Defesa dos EUA) (Reuters, 2025).

Tratamento das Vítimas Civis

Essa variável destina-se à análise comparativa das abordagens adotadas pelos veículos de comunicação acerca do mesmo episódio da morte e funeral dos comandantes militares e cientistas iranianos após ataques israelenses.

Sabe-se que o conflito dos Doze Dias teve início quando Israel deflagrou, de forma simultânea, as operações *Rising Lion* e *Red Wedding*. Através de bombardeios aéreos, a força aérea israelense atacou instalações nucleares iranianas, com o objetivo de desarticular a capacidade militar do país, além de eliminar altos oficiais e cientistas ligados ao programa nuclear. As vítimas desses ataques foram, posteriormente, homenageadas pelo Estado iraniano em uma cerimônia funerária oficial, promovida pelo governo em Teerã (Jordan, 2025).

Sobre esse episódio, em consonância ao visto na figura 5, a BBC (British Broadcasting Corporation), uma emissora pública britânica, narra, de modo descritivo e factual, o funeral como um evento público, reconhecendo a presença de familiares e autoridades, mas também ressaltando a importância das vítimas para o aparato estatal e militar iraniano, em uma forma tácita de justificar os ataques (Jordan, 2025).

Figura 5 – Recorte da notícia sobre funeral de Estado do Irã



Fonte: BBC (28 de junho de 2025)

Além disso, a reportagem atribui aos EUA a causa do fim do conflito, ao afirmar que o cessar-fogo aconteceu “depois que os EUA se envolveram diretamente no bombardeio de importantes instalações nucleares no Irã”. Ademais, como supracitado, percebe-se a utilização de uma linguagem neutra e informativa, em detrimento de atribuições simbólicas – como massacre, crime ou mártir. O jornal, portanto, embora humanize as vítimas e descreva o episódio de forma digna e empática, enquadra-o enquanto parte do conflito militar, sem uma politização ideológica ou moral (Jordan, 2025).

Em contrapartida, o Global Times, tabloide chinês subordinando ao jornal oficial do Partido Comunista da China, constrói uma narrativa explicitamente politizada e simbólica. Conforme o que pode ser visto na figura 6, o jornal afirma que as vítimas foram mortas em “ataques aéreos israelitas brutais”, descrevendo, ainda, tais ataques como parte de uma agressão ilegítima contra a soberania iraniana (Xinhua, 2025).

Figura 6 – Recorte da notícia sobre funeral de Estado do Irã



Fonte: Global Times (29 de junho de 2025)

A fonte noticiosa responsabiliza Israel diretamente pelos assassinatos e atribui aos EUA o papel de cúmplice, destacando como o funeral se transformou em um ato de unidade nacional e resistência popular contra os países do eixo Ocidental. A matéria, ainda, descreve a procissão com milhares de cidadãos carregando flores, bandeiras

nacionais e cartazes com rostos dos mortos, elevando-os a “mártires da nação e símbolos da resistência”. Vale ressaltar, por fim, que apresenta o posicionamento do ministro do Interior do Irã, Eskandar Momeni, o qual disse na cerimônia que “os Estados Unidos e Israel provaram que não honraram nenhum de seus compromissos”, descredibilizando ainda mais o posicionamento israelense e norte-americano (Xinhua, 2025).

Reações Internacionais e Mobilização Diplomática

De acordo com a hipótese deste estudo, espera-se que veículos Ocidentais e Orientais destaquem seletivamente as posições diplomáticas internacionais em consonância com os interesses geopolíticos e o alinhamento estratégico de seus Estados de origem. Assim, a cobertura dos episódios da “Guerra dos Doze Dias” seria mais do que um relato factual – funcionaria como uma extensão do conflito, culminando em uma guerra de narrativas, conferindo legitimidade ou condenação moral aos atores em conflito a partir de suas alianças. Nesta seção, portanto, busca-se examinar a veracidade da relação causal entre as variáveis independentes e a variável dependente. Para isso, primeiramente, vale construir, de modo a condensar o exposto, um quadro com os principais pontos abordados em cada subseção anterior.

Assim, como síntese da comparação entre The Times of Israel e Tehran Times, elaborou-se o Quadro 1, que evidencia os principais aspectos da contextualização histórica e geopolítica mobilizados nas narrativas analisadas.

No mesmo sentido, seguem dois quadros, 2 e 3, uma resumindo os aspectos comparados na seção 4.1.2 (Enquadramento dos Agentes e da Legitimidade da Ação Militar) e outra na seção 4.1.3 (Tratamento das Vítimas Civis).

Quadro 1 – Resumo da seção 4.1.1

Veículo/ Notícia:	Percepção do Inimigo:	Contextualização/ Justificativa da Guerra:	Consequência Atribuída:	Posição do Jornal/ País de Origem:
The Times of Israel (Bloco Ocidental)	O Irã como ameaça existencial.	Defesa preventiva contra iminente destruição.	Salvamento de Israel e reafirmação de segurança nacional.	Pró-Israel.
Tehran Times (Bloco Oriental)	Israel como agressor ilegítimo e EUA cúmplice.	Tentativa do eixo Ocidental de mudança de regime no Irã.	Fortalecimento interno do regime iraniano e unidade nacional.	Pró-Irã.

Fonte: Autores (2025)

Quadro 2 – Resumo da seção 4.1.2

Veículo/ Notícia	Legitimidade da ação militar dos EUA	Enquadramento de Israel/EUA	Enquadramento do Irã	Relevância atribuída aos ataques	Posição do Jornal/ País de Origem
NPR (Bloco Ocidental)	Justificável e bem-sucedida.	Protagonistas de um ataque estratégico bem-sucedido.	Ameaça nuclear iminente.	Destruição decisiva do programa nuclear iraniano.	Pró-Israel.
Daily Sabah (Bloco Oriental)	Illegal e questionável.	Responsáveis por ação precipitada e incerta.	Vítima de agressão ilegítima.	Eficácia dos ataques questionada; bombardeios insuficientes.	Pró-Irã.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025

Quadro 3 – Resumo da seção 4.1.3

Veículo/ Notícia:	Humanização das Vítimas:	Responsabilização moral e ideológica de Israel/EUA:	Uso simbólico das vítimas:	Politização do funeral:	Posição do Jornal/ País de Origem
BBC (Bloco Ocidental)	Sim. Mas foco na importância delas para o aparato estatal e militar iraniano.	Não explicitamente. Episódio como parte de um conflito militar.	Não. Adota uma linguagem neutra e factual.	Não. Apresenta o funeral como evento público de luto.	Pró-Israel.
Global Times (Bloco Oriental)	Sim. Ressalta o caráter “bárbaro e imperialista” do ataque, reconhecendo a dor e a comoção popular.	Sim. Descreve os ataques como parte de uma agressão militar ilegítima contra a soberania iraniana.	Sim. Utiliza a linguagem para a construção de ícones políticos/ mártires.	Sim. Apresenta o funeral como manifestação política/ mobilização nacional.	Pró-Irã.

Fonte: Autor (2025)

Nos veículos do eixo militar-rentista anglo-saxão, como *The Times of Israel*, NPR e BBC, observou-se a ratificação do direito israelense de autodefesa, ressaltando, ainda, a eficácia das operações militares contra alvos estratégicos no Irã. Nessas coberturas, a ênfase recaiu sobre a percepção do país persa enquanto uma ameaça à paz e segurança internacionais, apontando a necessidade de contenção do seu programa nuclear e a importância de preservar a estabilidade regional, especialmente por meio de mecanismos de negociação e manutenção da ordem global, como o TNP – Tratado de Não Proliferação Nuclear.

Por outro lado, veículos do eixo industrial heterodoxo emergente como o *Tehran Times*, *Al Jazeera* e o *Global Times* priorizaram uma cobertura pautada na ilegitimidade dos ataques israelenses, denunciando as consequências humanitárias da ofensiva. Nessas matérias, as motivações e ações tanto de Israel quanto dos EUA foram enquadradas como uma clara violação ao direito internacional, que visavam desestabilizar o Irã e o Oriente Médio, mas que acabaram por exacerbar ainda mais as tensões na região. Construiu-se uma narrativa de um isolamento moral de Israel e dos Estados Unidos frente à condenação global, cedendo, em contrapartida, um destaque emotivo e simbólico às vítimas.

Esses resultados, portanto, reforçam a hipótese de que o enquadramento das narrativas midiáticas de um conflito não ocorre de forma neutra ou meramente descritiva, mas sim enquanto reprodução dos alinhamentos estratégicos e ideológicos dos blocos geopolíticos ao integrar a disputa simbólica travada e operá-la como ferramenta de legitimação ou deslegitimação política no ambiente diplomático.

CONCLUSÃO

O presente estudo tinha por objetivo compreender como as abordagens midiáticas de diferentes regiões constroem versões específicas sobre o conflito, que atendam a uma agenda política e ideológica própria, interferindo diretamente na percepção internacional e, conseqüentemente, nas atitudes políticas adotadas pelos

Estados. A análise comparativa das narrativas midiáticas sobre a “Guerra dos Doze Dias” entre Irã e Israel permitiu confirmar a hipótese de que o enquadramento informativo dos conflitos internacionais reflete, majoritariamente, os interesses estratégicos e os alinhamentos ideológicos dos blocos geopolíticos os quais os veículos de comunicação pertencem. Em um ciclo retroativo, verificou-se que, mais do que relatar fatos, os meios de comunicação atuaram como agentes políticos na disputa simbólica global, utilizando *frames* seletivos para legitimar ou condenar ações e moldar percepções internacionais.

As diferenças narrativas não se restringiram à cobertura factual, mas se manifestaram na forma como as vítimas civis foram tratadas, no enquadramento da legitimidade militar e na mobilização de elementos históricos e simbólicos. Esse processo de construção discursiva revelou-se decisivo para as reações diplomáticas subsequentes, com os blocos alinhados a cada narrativa posicionando-se de maneira previsível no cenário internacional.

O estudo reforça, portanto, a centralidade das narrativas informativas na política internacional contemporânea, onde o controle sobre a versão dos acontecimentos se converte em recurso estratégico de *soft power*. Os resultados indicam que a guerra de informação não é apenas um fenômeno colateral dos conflitos bélicos, mas parte integrante da disputa geopolítica e diplomática, com impactos diretos sobre a formulação de políticas externas e a configuração de alianças internacionais.

Por fim, recomenda-se que futuras pesquisas ampliem o escopo de análise para outros conflitos recentes e incluam mídias estatais e independentes de diferentes contextos nacionais, a fim de aprofundar a compreensão sobre as estratégias discursivas na arena internacional e seus efeitos sobre as dinâmicas de poder global.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Emmanuel. **O construtivismo no estudo das Relações Internacionais**. Lua Nova, n.47, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64451999000200011>. Acesso em: 3 jul. 2026.
- ALEXANDER, Jeffrey C. (1995). **Fin de Sicle Social Theory: Relativism, Reduction and the Problem of Reason**. London; New York: Verso, 1995. VIII, 231 p. ISBN 1-85984-091-4.
- ANSARI, Mona Hojat. **Everything you need to know about the Iran-Israel war**. 24 jun. 2025. Disponível em: <https://www.tehrantimes.com/news/514906/Everything-you-need-to-know-about-the-Iran-Israel-war>. Acesso em: 4 jul. 2025.
- BARBOSA, Alexandre Henrique Batista. **A desinformação como ferramenta da guerra híbrida**. 2020. 110 f. Monografia (Curso de Política e Estratégia Marítimas) – Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br/egn/files/C-PEM010%20-%20CMG%20%28FN%29%20ALEXANDRE%20HENRIQUE%20BATISTA%20BARBOSA%20-%20A%20DESINFORMA%C3%87%C3%83O%20COMO%20FERRAMENTA%20DA%20GUERRA%20H%C3%84BRIDA.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2026.
- CARRUTHERS, Susan. **The Media at War: Communication and Conflict in the Twentieth Century**. London: Macmillan, 2000.
- CHOULIARAKI, Lilie. **The Spectatorship of Suffering**. London: SAGE, 2006.
- ENTMAN, Robert M. **Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm**. Journal of Communication, v. 43, n. 4, p. 51–58, 1993.
- FINNEMORE, Martha; SIKKINK, Kathryn. **International Norm Dynamics and Political Change**. International Organization, v. 52, n. 4, p. 887–917, 1998.
- HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. **Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media**. New York: Pantheon Books, 1988.
- HOROVITZ, David. **Israel was facing destruction at the hands of Iran: this is how close it came, and how it saved itself**. Times of Israel, 30 jun. 2025. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/israel-was-facing-destruction-at-the-hands-of-iran-this-is-how-close-it-came-and-how-it-saved-itself/>. Acesso em: 3 jul. 2026.
- HOSKINS, Andrew; O’LOUGHLIN, Ben. **War and Media: The Emergence of Diffused War**. Cambridge: Polity Press, 2010.
- KAYE, Dalia Dassa; NADER, Alireza; ROSHAN, Parisa. **Israel and Iran: a dangerous rivalry**. Santa Monica, RAND National Defense Research Institute, 2011. Disponível em: https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monographs/2011/RAND_MG1143.pdf. Acesso em: 3 jul. 2026.
- NYE, Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2004.

ONUF, Nicholas. **World of our making: Rules and Rule in Social Theory and International Relations**. Routledge, 2012. 1st edition.

PARSI, Trita. **Treacherous alliance: the secret dealings of Israel, Iran, and the United States**. New Haven; London: Yale University Press, 2007. Disponível em: <https://muftiakhoosen.net/images/17-april-2024/Treacherous%20Alliance%20The%20Secret%20Dealings.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2026.

PÉREZ LIÑÁN, Aníbal. **El método comparativo: fundamentos y desarrollos recientes**. Documento de Trabajo #1, Universidad de Pittsburgh, 2008. Disponível em: <https://www.pitt.edu/~asp27/metodocomparativo.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2026.

REUTERS. **US strikes failed to destroy Iran's nuclear sites, sources say**. 24 jun. 2025. Disponível em: <https://www.dailysabah.com/world/mid-east/us-strikes-failed-to-destroy-irans-nuclear-sites-sources-say>. Acesso em: 3 jul. 2026.

ROBINSON, Piers. **The CNN Effect: Can the News Media Drive Foreign Policy?**. Review of International Studies, v. 29, n. 1, p. 121–137, 2002.

SNOW, David A.; BENFORD, Robert D. **Ideology, Frame Resonance, and Participant Mobilization**. International Social Movement Research, v. 1, p. 197–217, 1988.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **A Nova Ordem Mundial: geopolítica e geoeconomia no século XXI**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2025.

WENDT, A. **Anarchy is what states make of it: the social construction of power politics**. International Organization, Vol. 46, No. 2, Spring, 1992. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2706858>. Acesso em: 3 jul. 2026.

XINHUA. **Iran holds funeral for military commanders, scientists killed in Israeli strikes - Global Times**. 29 jun. 2025. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/202506/1337202.shtml>. Acesso em: 3 jul. 2026.

Autoria

1 Luana Gomes Lasmar

Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas; Mestranda em Ciência Política

<https://orcid.org/0009-0002-6287-2333> • luanalasmar10@gmail.com

2 João Manoel Vieira de Araújo

Graduado em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas; Mestrando em Ciência Política

<https://orcid.org/0009-0009-7705-9346> • jmvaraujo2009@gmail.com

3 Hemerson Luiz Pasé

Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professor, Universidade Federal do Rio Grande; Professor

<https://orcid.org/0000-0002-3322-3003> • hemerson.pase@gmail.com

Como citar este artigo

LASMAR, L. G.; ARAÚJO, J. M. V.; PASE, H. L. A “Guerra dos Doze Dias”: uma análise comparativa do enquadramento midiático em perspectivas geopolíticas antagônicas. **InterAção**, Santa Maria, v. 17, n. 2, e97475, p. 1-26, 2026. DOI 10.5902/1980509897475. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5902/2357797597475>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.